



Onde está a poesia em prosa no Brasil?

A produção poética brasileira deste século tem excelência – e sobre isso não paira a menor dúvida. Mas também possui aspectos curiosos e alguns buracos negros. E isso também não se pode negar, é preciso se debruçar sobre eles para tentar entendê-los melhor. Da mesma forma que produziu estilos tão importantes quanto divergentes como o modernismo, o concretismo, a poesia práxis, a arte da geração mimeógrafo e os chamados neoconcretos, dificilmente se encontra nas estantes das livrarias um livro de poemas em prosa. Esse estilo, tão difundido na Europa, não possui um representante que se sobressaia e que o leve adiante entre a moderna produção poética nacional.

MARCELLO ROLLEMBERG
é jornalista e escritor,
autor de *Encontros*
Necessários (Ateliê
Editorial).

Esse talvez seja o maior ponto obscuro de uma poesia que já rendeu nomes como João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Augusto e Haroldo de Campos, Ferreira Gullar, Ana Cristina César e Alexei Bueno, entre outros. A lista é grande e certamente ficará incompleta, por mais que se tente elencar nomes e mais nomes que produziram e ainda produzem bons poemas no país. Mas, e a poesia em prosa (não confundir com prosa poética, que é na alma semelhante, mas diferente no seu corpo textual), onde está? A resposta é simples: não está.

Excetuando-se poucos e ilustres autores, como o poeta e tradutor paulistano Claudio Willer, alguma coisa de Murilo Mendes e certos textos de Clarice Lispector (que fazia prosa poética, é bom frisar-se, mas com uma qualidade que beirava o efetivamente poético. E, note-se, Clarice não tinha necessariamente essa intenção. O que a autora de *A Paixão Segundo G. H.* queria era tocar seus leitores de várias maneiras, com várias artimanhas literárias – e conseguiu), quase não há referências a esse estilo na bibliografia de poetas nacionais, o que é uma grande pena. E vale um destaque: os autores nomeados acima não têm na poesia em prosa seu único instrumento, tendo, na verdade, lançado mão dele em algum momento de suas carreiras como um estilo a mais, uma forma diferenciada de chocar, acalantar, enfeitiçar seus leitores.

Talvez o único a se considerar de fato um cultuador do gênero e a utilizá-lo sistematicamente seja Willer – seu último livro, *Volta*, é um belo exemplo de como enxertar poesia em um texto em prosa, mas a fonte na qual o autor bebeu é o surrealismo de André Breton, o que traz lá suas diferenças. Voltaremos a falar sobre isso mais adiante. O fato é que a poesia em prosa é, certamente, o mais desafiador dos estilos poéticos e vai muito além de “simplesmente” (com o perdão da expressão e com todas as aspas possíveis) versificar um texto, colocar impressões do dia-a-dia ou, então, concretizar trocadilhos e desenhar palavras em uma página em branco. Não é esse o caso.

A fluidez do texto, a temática, a irmandade entre idéia e sensação (unindo coração e mente), todos esses fatores que são preponderantes no verso, no poema versificado, ganham importância exponencial no poema em prosa. O que pode parecer fácil a uma primeira leitura – o texto corrido, a emoção bem encadeada e a união de temas – é, na verdade, uma espécie de “pegadinha” para poetas e leitores mais desavisados. O poema em prosa encerra dificuldades que podem ludibriar àqueles que acreditam pura e simplesmente no chamado texto corrido. Deve-se tomar cuidados extremos ao se redigir um texto assim, porque a possibilidade de apenas encadear palavras e não dizer nada é muito grande. Acredita-se que a força do poema está em sua versificação, no ritmo. Em parte, quem pensa assim está coberto de razão. E é aí que reside o problema.

A versificação pode ser importante para muitos autores que, acreditam eles, não aceitariam ser chamados de “poetas” se não fizessem versos. Mas não é exatamente aí que se guarda o coração do poema. O ritmo – por mais óbvio que possa parecer a afirmativa – é essencial para qualquer texto, seja ele poesia, romance, conto ou até mesmo matéria jornalística. Porque é o ritmo – cadenciado, descompassado ou nervoso – que dá a sangüinidade ao texto, imprime a ele sua alma. O verso é o cérebro, ditando, de certo modo, o raciocínio. Então, esqueçamos essa história de versos *comme il faut*, rimas (quando elas existem. Há escritores que não abrem mão delas, mas isso é uma questão de gosto estético, que não cabe aqui discutir-se), e nos prendamos ao ritmo. Para se fazer poesia em prosa, deve-se ir além das amarras, deve-se soltar os sentidos e deixar a fluência e a emoção falar mais alto. Essa é a receita para qualquer poema? De fato. Mas, ressalte-se, no poema em prosa essa “engenharia poética” é elevada à enésima potência justamente porque abre mão da versificação, que dita a seqüência e a respiração da leitura, obrigando o autor a uma atenção maior, um exercício maior, uma inspiração maior. E uma transpiração maior, também. Já se disse, por brincadeira ou não, que um bom texto (poesia ou prosa,

tanto faz), é concebido com 10% de inspiração e 90% de transpiração. No poema em prosa é mais ou menos isso o que acontece sem, claro, se deixar de lado o ser sensível, a tão decantada musa de todos os poetas.

O fato é que se deve er uma atenção redobrada, um cuidado extremo para não se cair no lugar comum, no dito fácil e na palavra simplista. Não são essas as razões para a pífia existência de poetas que escrevem poemas em prosa no Brasil – até porque se torna difícil, se não impossível, elencar-se aqui quais os motivos dessa participação tão pequena em um gênero tão instigante. E não é a pretensão desse artigo enunciar os motivos pelos quais não encontramos textos suficientes desse estilo nas livrarias. A idéia, mesmo, é fustigar, mexer com os sentimentos e com as noções estéticas de poetas de todas as latitudes para

reverter essa mão. Afinal, dentre os grandes nomes da poesia mundial, muitos enveredaram pela poesia em prosa e souberam tirar dela o melhor proveito, o melhor verso não versificado. Desde Baudelaire, Rimbaud e Lautréamont (daí a poesia em prosa ser considerada um estilo francês por excelência) até nomes como Octavio Paz, em seu livro *Libertad Bajo Palabra*, encontram-se inúmeros belos exemplos de poemas em prosa, textos para aguçar a curiosidade e a sensibilidade de qualquer escritor.

Talvez o melhor exemplo de autores que tenham feito desse estilo sua pedra de toque seja o dos surrealistas franceses. André Breton e Louis Aragon, por exemplo, inocularam poesia pura em textos em prosa – como *O Amor Louco* ou *O Camponês de Paris* – e criaram pequenas jóias de poemas em prosa em seus trabalhos. Essa mão-dupla da criação literária (prosa poética e poesia em prosa) pode ter encontrado seu mais elegante representante na figura de outro francês, René Char, que teve um breve flerte com o surrealismo e depois seguiu seu caminho, praticamente independente. Quem quiser tirar a dúvida, há uma excelente antologia em português, publicada pela Iluminuras, que mostra a importância e a excelência de Char no gênero.

Não é o caso, aqui, de apenas se fazer a apologia da poesia em prosa e, tangencialmente, parecer desmerecer o poema como todos o conhecem, versificado, rimado ou não. Mesmo os autores que melhor fizeram poesia em prosa nunca abandonaram o poema tradicional. Apenas os liberaram, de certa maneira, de suas amarras formais, ousaram pensar de forma distinta e inovaram onde poderia parecer que não caberiam grandes mudanças. É essa mudança, essa forma diferente de pensar o poema que ainda não se solidificou no Brasil. Pelo menos não entre os nomes mais ou menos conhecidos. Essa lacuna ainda está aberta e precisa – mais que isso, merece – ser preenchida. A produção poética brasileira é muito rica, mas não pode se dar ao luxo de desprezar um estilo que alia, em um mesmo texto, beleza, sensibilidade e inteligência em doses industriais.

